



“COM QUE ROUPA EU VOU?” OS TRAJES DAS SUPER-HEROÍNAS E A OBJETIFICAÇÃO FEMININA NO CINEMA: UM OLHAR SEMIÓTICO

“What clothes should I wear?” The costumes of superheroines and female objectification in cinema – a semiotic look

SANTOS, Julia Beatriz Magalhães dos

Graduanda do Curso de Tecnologia em Cinema e Animação; Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg) _ bolsista PAPq, julia.2200116@discente.uemg.br

MACHADO, Carla Silva

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio); Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg) carla.silva@uemg.br

42

RESUMO

A presente proposta faz parte do Projeto apresentado ao Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq) da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg), intitulado **Representações do gênero feminino nos filmes mais vistos nas salas de cinema do Brasil entre os anos de 2011 e 2020**, cujo objetivo geral é analisar a representação das personagens femininas nos filmes mais vistos pelo público brasileiro nos entre os anos de 2011 e 2020 a partir do teste Bechdel. No recorte para esta apresentação, debruçamo-nos nas super-heroínas que protagonizam alguns dos filmes mais vistos nas salas de cinema, no período do recorte da pesquisa (2011 e 2020). Ressaltamos que desde as primeiras aparições de super-heroínas em histórias em quadrinhos essas personagens foram criadas sob uma perspectiva masculina e heterossexual, o *male gaze*, como destrinchado na pesquisa analítica de Avery-Natale (2013). Reynolds (1992) afirma que, na linguagem de

Saussure, a estrutura de convenções dos trajes/vestimentas, as regras que ditam o tipo de traje que a personagem poderá usar é uma linguagem, um signo. Para a construção de um super-herói, o traje sugere o que aquele herói representa, as suas cores, formas e caimentos, se um personagem usa cores vivas e uma roupa justa esse significante traz o significado (Sausurre) de jovialidade, carisma e amizade, como exemplo, citamos o Homem-Aranha, mas se um personagem usa cores escuras, formatos pontiagudos e quadriculares, o significado é de alguém forte, misterioso, não amigável, como exemplo, temos o Batman. Logo, se para representar mulheres a norma é de roupas apertadas que chamam atenção para seus seios, bunda e coxas (partes do corpo feminino que são sexualizadas há décadas pelo *male gaze*) o que essas heroínas significam é sua sexualidade, sua atratividade e sedução para homens heterossexuais. Mesmo essa “tradição” tendo iniciado há muitas décadas com os primeiros quadrinhos, essa tradição acompanhou as personagens para as telas de cinema, nos filmes da Marvel, líderes de bilheterias, vemos heroínas diminuídas e apenas representadas pelos interesses amorosos com um tempo de tela absurdamente inferior de seus parceiros, mesmo quando quebramos a bolha do interesse amoroso e vemos uma heroína com propósito próprio como a personagem Viúva Negra, ela está em um papel que usa de sua sexualidade como moeda de troca e atributo equiparável a sua força física, além de seus trajes a representarem sempre na perspectiva do *male gaze* para a audiência, sempre tendo seu corpo e beleza realçados para o público. Neste sentido, fica evidente que, enquanto para os super-heróis masculinos o atributo físico está diretamente relacionado à força e ao poder, para as super-heroínas, ele está ligado à sexualização.

Palavras-chave: Super-heroínas; Objetificação da mulher no cinema; Figurino no cinema.

Referências

EVERY-NATALE, Edward. An Analysis of Embodiment among Six Superheroes in DC Comics. **Social Thought & Research**. V. 32, p. 71-106, 2013. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24642398>. Acesso em 20 ago. 2023.

REYNOLD, Richard. **Super Heroes: A Modern Mythology**. London, England: B.T. Batsford, 1992.